



TERROR NA RÚSSIA

Estado Islâmico mata ao menos 60 e fere 100 em show

Atiradores invadem casa de espetáculos em subúrbio de Moscou e detonam explosivos. Ucrânia nega envolvimento

» RODRIGO CRAVEIRO

X/Reprodução



Atiradores disparam contra as pessoas dentro do complexo Crocus City Hall, que foi incendiado

Que era para ser um momento de lazer e de curtição durante um show da popular banda de rock russa Piknik, em Krasnogorsk, subúrbio no noroeste de Moscou, tornou-se o próprio horror. Pouco antes de a apresentação começar, atiradores vestidos com roupas camufladas e portando fuzis e metralhadoras invadiram o complexo Crocus City Hall, no prédio da prefeitura, abrindo fogo contra os seguranças e partiram rumo ao auditório. Pelo menos 60 pessoas morreram durante o ataque, seguido por um incêndio que destruiu o local. As autoridades da Rússia atribuíram o incidente a um "atentado terrorista sangrento" reivindicado pelo grupo Estado Islâmico (EI).

Cerca de 60 dos 100 feridos encontravam-se hospitalizados em estado grave. Unidades especiais da Guarda Nacional russa (Rosgvardia) trabalharam no local do ataque e estão "procurando" pelos autores, acrescentou este órgão no Telegram. O Estado Islâmico reivindicou a autoria.

Por meio do Telegram, anunciou que combatentes do grupo "atacaram uma grande concentração (...) nos arredores da capital

russa, Moscou". A facção assegurou que os terroristas fugiram do local, mas a informação não pôde ser confirmada.

Vídeos divulgados pelas redes sociais mostravam as execuções perto da entrada da casa de espetáculos e o caos no

auditório, com pessoas se jogando no chão para se proteger dos tiros. Outra gravação exibia sobreviventes descendo uma escada rolante em meio a corpos espalhados no primeiro andar, além de rastros de sangue.

O prefeito de Moscou, Sergei Sobyenin, anunciou o cancelamento "de todos os eventos" marcados para o fim de semana. Segundo um repórter da Ria Novosti, pessoas em uniformes táticos invadiram a casa de shows e abriram fogo, antes de lançar "uma granada ou uma bomba, iniciando um incêndio". A Ucrânia se apressou em assegurar que não tinha "absolutamente nada a ver" com o ataque. A ex-república soviética foi invadida pela Rússia em fevereiro de 2022.

Cenário de tensão

Em entrevista ao **Correio**, James Onnig — professor de geopolítica do curso de relações internacionais das Faculdades de Campinas (FACAMP) — admitiu que o ataque em Moscou, apesar de surpreendente, ocorreu no contexto de uma

semana repleta de detalhes que agregam tensão à política internacional. "Começamos com a possibilidade de envolvimento da Otan nos combates na Ucrânia; depois, tivemos a eleição de Vladimir Putin, cada vez mais popular na Rússia, que cresce economicamente. O atentado é mais uma surpresa em um mundo que caminha para a instabilidade", disse.

De acordo com Onnig, a atuação do Estado Islâmico na Rússia é pontual em regiões onde o islamismo marca presença, como na Chechênia e na Inguchétia. "Poucas vezes, eles operaram em território russo, mas são constantemente monitorados pelos serviços de segurança russos. Creio ser muito cedo para tomar posição sobre as motivações do ataque em Krasnogorsk. As forças russas neutralizaram recentemente uma célula do Estado Islâmico na Inguchétia, no norte do Cáucaso, e eliminaram seis militantes. A ação de hoje (ontem) pode ter sido uma retaliação." O professor crê em uma resposta pesada da Rússia e não descarta que Putin associe o massacre à "russofobia".

REINO UNIDO

Princesa Kate revela luta contra o câncer

O anúncio foi feito por meio de vídeo de 2 minutos e 20 segundos, gravado na última quarta-feira, no jardim do Castelo de Windsor, 44 dias depois de o Palácio de Buckingham revelar que o rei Charles III foi diagnosticado com câncer. Sentada em um banco no jardim, a princesa de Gales, Catherine (Kate) Middleton, 42 anos, esposa de William e nora do monarca, pôs fim aos rumores e anunciou que também luta contra um tumor.

"Têm sido dois meses incrivelmente duros para toda nossa família, mas eu tenho uma equipe fantástica de médicos que cuidam de mim, pelos quais sou tão grata", afirmou Kate. "Em janeiro, fui submetida a uma grande cirurgia abdominal, em Londres. Naquele momento, pensava-se

que minha condição não fosse cancerígena. A cirurgia foi um sucesso. No entanto, exames revelaram a presença de câncer. Minha equipe médica me aconselhou, portanto, a fazer uma quimioterapia preventiva, e estou nas fases iniciais desse tratamento", acrescentou.

Kate admitiu que o diagnóstico representou "um grande choque" e disse ter feito o possível "para processar e administrar" a informação de forma privada. "O mais importante é que levou tempo para explicar tudo a George, Charlotte e Louis de um modo adequado, e para tranquilizá-los de que vou ficar bem", sublinhou. A princesa disse que está bem, "ficando mais forte a cada dia" e

se concentrando na mente, no corpo e no espírito.

Ela elogiou William, "uma grande fonte de conforto e segurança". "Significa muito para nós dois. Esperamos que vocês entendam que, como família, precisamos agora de algum tempo, espaço e privacidade enquanto termino o meu tratamento." Horas depois, o Palácio de Kensington avisou que não forneceria mais informações sobre a doença. As especulações em torno da saúde dela aumentaram depois da divulgação, em 10 de março, de uma fotografia em que Kate aparecia com o marido e os três filhos. No dia seguinte, ela pediu desculpas por ter manipulado a foto.

O rei Charles III se declarou "orgulhoso" de Kate pela sua

"coragem em falar como falou". Em nota, ele relatou que tem permanecido em "contato mais próximo com sua amada nora durante as últimas semanas" e prometeu que continuará a "enviar seu amor e apoio a toda a família". Harry, irmão de William, e a esposa, Meghan, desejaram "saúde e cura para Kate e a família".

Redução de risco

Shivan Sivakumar, professor de oncologia da Universidade de Birmingham (Reino Unido), explicou ao **Correio** que não é possível inferir o tipo de tumor que acomete a princesa, mas sublinhou que o abdome cobre o trato gastrointestinal e os órgãos genitourinários e reprodutivos. "Quando se referem à

BBC Studios/AFP



Kate Middleton anunciou diagnóstico em vídeo gravado na quarta-feira

quimioterapia preventiva, o que na verdade querem dizer é algo que chamamos de quimioterapia adjuvante. É uma quimioterapia depois de uma cirurgia para reduzir o risco de recorrência de um câncer."

Historiadora e autora de livros sobre a monarquia, Sarah Gristwood admitiu ao **Correio** que a

notícia foi recebida com grande onda de simpatia pelos britânicos. "Mas, acompanhada de certa hostilidade para com aqueles que promoveram teorias da conspiração", comentou. "Havia um questionamento sobre o motivo pelo qual ela não apareceu em público, a fim de refutar os rumores." (RC)

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Não é aqui, mas pode ensinar

O colapso do poder público e de todo e qualquer sistema de autoridade no Haiti ensaia voltar ao noticiário e ao debate político, por aqui, passados 20 anos da insurreição que resultou, em 2004, no envio de uma força internacional liderada pelo Brasil. É justamente a urgência de uma intervenção externa que entrou em discussão no Conselho de Segurança das Nações Unidas, no início do mês, por iniciativa da delegação brasileira.

A instabilidade política tem raízes profundas na metade mais pobre da ilha caribenha de Hispaniola, mas entrou novamente em fase aguda desde o assassinato do presidente Jovenel Moïse, em meados de 2021. Nas últimas semanas, as gangues criminosas que fermentaram ao longo

de duas décadas praticamente assumiram o controle da capital, Porto Príncipe. Promoveram a fuga de milhares de prisioneiros e falaram abertamente em promover (elas próprias) a formação de um novo governo.

O premiê Ariel Henry, que há quase três anos prorrogava sucessivamente seu mandato dito interino, convocou eleições para agosto de 2025. Diante do avanço das gangues, porém, preferiu renunciar. De Nairobi, onde negociava o envio de tropas quenianas para o Haiti, partiu para o território americano de Porto Rico.

Herança irônica

O retorno do pesadelo haitiano à agenda externa soa algo irônico

para o Planalto e o Itamaraty. Foi o primeiro governo Lula que assumiu, em 2004, o comando da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), encerrada em 2017. Em outubro passado, porém, quando a ONU aprovou o envio de nova missão, agora de ordem policial, a posição brasileira foi de recusar a liderança da força.

Quando assumiu o comando da Minustah, o governo brasileiro viu na ocasião oportunidade não apenas para exercer liderança no cenário latino-americano. Para o Exército, a missão se apresentava como um ambicioso projeto de treinamento da tropa para situações análogas de intervenção na segurança pública em centros urbanos, em quadro de convulsão social (e política). O aprendizado pode ser medido pelos resultados da operação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) no Rio de Janeiro, entre fevereiro e dezembro de 2018.

Entre os oficiais que chefiam a

Minustah está o general Augusto Heleno, chefe do Gabinete de Segurança Institucional no governo Bolsonaro. Hoje, o oficial é um dos personagens centrais da investigação sobre a tentativa de golpe de Estado para impedir a posse de Lula.

Para quem precisa

A crise do Haiti não comporta comparação direta com a situação da segurança pública no Brasil, mas convida a algumas analogias. Um traço comum pode ser distinguido nas relações sombrias entre as forças de segurança e os grupos criminosos.

No Haiti, um dos líderes mais destacados do levante das gangues é Jimmy Cherizier. Ex-integrante da Polícia Nacional Haitiana, Barbecue, como é conhecido, comandou em 2020 uma rebelião de policiais da qual resultou a milícia G9. Por aqui, são policiais militares alguns dos principais chefes das milícias que disputam território

com o tráfico no Rio de Janeiro — e que submetem a população das comunidades a uma espécie de Estado paralelo.

É um ex-PM ligado às milícias o executor do assassinato da vereadora carioca Marielle Franco, do PSol. O crime se aproximou da solução, depois de seis anos, com os mandantes delatados. Marielle foi fuzilada em março de 2018, com o Rio sob GLO.

Foi para o cinema

Vem de muito tempo, no Brasil, a existência de relações promíscuas entre agentes do Estado e criminosos de diferentes ramos de atividade. O cinema retratou em mais de uma obra os laços estabelecidos nas décadas de 1950, 1960 e seguintes entre policiais civis e os banqueiros do jogo do bicho. A partir dos anos 1980, o modelo começou a ser "exportado" para o tráfico de drogas.

Talvez a história mais educativa seja a retratada no filme *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia*, dirigido

por Hector Babenco, com roteiro baseado em livro de José Louzeiro. Nele, Reginaldo Faria vive o personagem-título, um ladrão de carros e assaltante de bancos que atingiu certa fama no Rio dos anos 60 e 70, inclusive, pela origem de classe média e pelo raciocínio articulado.

Entre outras cenas, o filme retrata sua recusa a um acordo proposto pelo detetive Mariel Mariscot, um dos "homens de ouro" da polícia civil carioca e pivô do Esquadrão da Morte, ou Escuderie Le Coq.

Acostumado a fazer sociedade com bicheiros e outros contraventores, Mariscot ofereceu "segurança" em troca de participação no butim dos assaltos. "Polícia é polícia, bandido é bandido", respondeu Lúcio Flávio. "É como água e azeite: não mistura."

O assaltante, que ajudou a desmantelar o Esquadrão com suas delações, morreu na cela, esfaqueado, em 1975. O detetive foi fuzilado seis anos mais tarde, diante de uma fortaleza do jogo do bicho, depois de ter passado oito anos preso.